

REDACTOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Alameda, 114 e 116

# ABATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

FUNCIONALISMO PÚBLICO

EM PLENA FALPERRA

## Em volta do decreto da subvenção

PESSOAL DOS HOSPITAIS

Somos informados que lavra o maior descontentamento entre o pessoal hospitalar, em virtude da direcção geral ter resolvido aguardar que o ministério do trabalho publique a tabela das subvenções diferenciais, para só então elaborar as respectivas folhas com as diferenças respeitantes a Setembro e Outubro.

Na realidade parece-nos que tal subvenção bastantes dificuldades deve acarretar ao referido pessoal, que muito sacrificado tem sido com a actual carestia da vida, e seria de toda a justiça que tendo o decreto ultimamente publicado o artigo 7.º que estipula uma ajuda de custo provisória para os funcionários ainda não incluídos nas tabelas diferenciais, se applicasse esse artigo desde já ao referido pessoal e assim se iria suavizar bastante a precária situação da maioria do pessoal dos hospitais civis.

O pessoal dos hospitais reúne hoje às 20 e meia horas, na sede da sua associação para apreciar o decreto.

## ASSALARIADOS QUE GANHAM \$601

Os assalariados dos palácios nacionais, que apenas auferem 60 centavos diários — 60 centavos! — representaram ao ministro das finanças pedindo que lhes seja concedida a subvenção que o critério do sr. Inocêncio Camacho de terminou, visto que tem sido sempre esquecidos nesse benefício.

## Suspensão de garantias

BARCELONA, 6. — O governador declarou que ajustará a sua conduta ao texto da lei suspendendo as garantias. — Rádío.

## ODIO... LEGAL

## Medida de excepção que não se justifica

Seria interessante saber porque motivo não é concedida a ajuda de custo de vi-  
da aos contratados da C. G. D. ...

Estão para aparecer o primeiro decreto que não traduza uma injustiça, a primeira lei que não sancione a atropé-  
lo de direitos adquiridos.

E' claro, é evidente que, sistematicamente, surgem reclamações, pessoas em quem o sentimento de justiça por demais comprimido, rebenta um dia.

Vamos ao caso:

Após um parto laboriosíssimo, veio a público um estranho decreto, concedendo ao funcionalismo militar e civil, determinados proventos, com a pomposa designação de «regime de subvenções e ajuda de custo de vida aos funcionários públicos». O que foi o decreto, de sobejo o dizem as reclamações, os protestos que de todos os lados estão chovendo...

Eis mais um caso típico da justiça oficial...

Pelo art.º 9.º do citado decreto a subvenção e ajudas de custo de vida não são designadas, são conferidas a todos os funcionários do Estado, seja qual for a sua categoria, ou a situação em que se encontrem.

Assim reza o artigo em questão:

A ajuda de custo de vida e a subvenção diferencial são abonadas independentemente dos limites fixados na lei n.º 889, de 18 de Setembro de 1919, e são extensivas aos funcionários dos quadros, internos, provisórios e extraordinários ou contratados, ainda que pagos por verbas próprias ou globais de serviços, e são isentas de qualquer desconto.

Ora, bem está! Isto é, deveria estar bem; mas de facto, como o § único deste mesmo artigo dispõe ficarem exceptuadas da disposição anterior os contratados da Caixa Geral de Depósitos, os quais perceberão as remunerações que entre elles e esse estabelecimento tiverem sido estipuladas, temos, clara, nitida e irrefutavelmente demonstrada a justiça que anima os pais do decreto.

Mas este é um caso antigo que tem a sua história.

Recordemos: Em 25 de junho e 8 de julho do corrente ano *A Batalha* levantou uma das pontas do veu que os profanos encobrem a caverna que é de facto a Caixa Geral dos Depósitos. Já então a

situação dos contratados era absolutamente deprimente e eles reclamavam. O *Tartaruga* enredou, outros ajudaram e os contratados não lograram que justiça lhes fosse feita. O sr. Piná Lopes, no Parlamento, fez declarações que implicavam o reconhecimento da justiça que aos reclamantes assistia. Simplesmente... O sr. Piná Lopes nunca passou de um boneco falante e toda a gente sabe que o seu forte não era a inteligência... Enfim... Águas passadas... Altos truinos se mexeram, os videirinhos manobram, e... os contratados ficaram logrados...

Continua agora a história.

A maneira de conduzir a acção é idêntica... Está agora a acontecer o *fauteuil* das finanças do dr. sr. Camacho, mais perigoso do que o *outro*, porque é um pouco mais esperto...

No fundo, está claro, a questão é tudo o que há de mais simples. Se os contratados da Caixa Geral dos Depósitos receberem mais dinheiro, haverão os respectivos directores que receber menos. Ora quem há aí que não saiba como a vida está cara, tudo custa um dinheiro... Pois os *senhores* directores podem já passar sem aqueles lucrosinhos... Mas há os contratados... Ah! sim! os contratados que tenham paciência... mas... não tem direito a coisa alguma!!

São funcionários do Estado, tem o seu diploma de funções públicas, tem a reconhecer a sua qualidade pareceres da Procuradoria Geral da República, um ministro das finanças reconhece a sua qualidade de funcionários...

Mas... não pensam assim os *santos* varões anilhados na directoria da Caixa Geral dos Depósitos; só com 650\$00 mensais, que já tinham, como poderão viver?

E' evidente que os contratados com 36\$00 por mês podem governar a sua vida! Irral! Tanta moralidade, é de mais!

Haja moralidade, que diabo, comam até rebentar os directores, mas aos patrões, aos contratados, a esses, permitam-lhes ao menos morrer decentemente, já que não desistem de os matarem a fome.

## Uma "revanche,"?

Chega-nos a notícia de que o nosso camarada João da Cruz Cebola, guardião do Sul e Sueste, que por alguns militares foi tratado inquisitorialmente, como ontem dissemos, foi ontem mesmo posto em liberdade, quando tal medida não havia sido tomada quando ali chegou.

Atribuiu-se esta torpe medida como *revanche* por virtude do depoimento que fez nas colunas de *A Batalha*, e que a toda a gente indignou pelos baixos e revoltantes processos de que se servem as autoridades.

Se assim é — e não duvidamos que seja — vê-se que há o propósito firme de mais envenenar aquele camarada, parecendo não estarem os homens da ordem satisfeitos com o que lhe infligiram já, não podendo nós esconder a nossa indignação contra tal facto.

Então já ninguém se pode queixar dos maus tratos que recebe?

Decididamente regressámos à tenébrica época de Torquemada!

## A Companhia dos Tabacos

não se limita a explorar o público: explora igualmente os assalariados

## Uma digna atitude dos últimos

E' do domínio público que a Companhia dos Tabacos, potentado que tudo pode nesta terra de monopólios e de corrupção, se tem permitido o direito de exercer sobre o consumidor todas as extorsões que lhe aprez, não se preocupando nem muito nem pouco em observar as prescrições a que, por contrato que firmou com o Estado, deveria estar sujeita, se tais contratos, sempre que se trata de companhias daquela polpa, não tivessem um valor inteiramente nulo.

Assim, em país conquistado como está, a Companhia dos Tabacos, a despeito de não poder, à face dos códigos e suas partes adjacentes, elevar o preço da potra que, com o pomposo nome de tabaco, fornece ao público, não hesitou recentemente — e não é de resto a primeira vez que o faz impunemente — em aumentar aquela avariada mercadoria em mais de 150 0/0.

A manigância pode dizer-se que nasceu em silêncio, não tendo nós notado que qualquer dos rotativos que ameude proclamam defender os interesses do público se erguesse a estigmatizar, com a energia que o caso justificaria, o tremendo cambalacho. Tam pouco notámos que o governo, ordinariamente tam lesto em combater as justas reclamações operárias, lizesse menção de chamar à responsabilidade a poderosa empresa tabaqueira, procedendo como aliás não nos causa qualquer estranheza.

Supõem os leitores que a Companhia dos Tabacos — cujo pessoal, do mais mal remunerado, de há muito tempo vem reclamando aumento de salário — satisfizesse as justas reclamações dos seus assalariados? Isso sim! Para cobrir a sua leonina extorsão distribuiu por uma parte daqueles uns irrisórios vinténs, e deixou com os miseráveis salários que auferiam os restantes trabalhadores, cerca de 1:400. Todo o fabuloso lucro que lhe fica — notem — que não applicamos o termo próprio — mete-o ela nas insaciáveis algibeiras dos seus accionistas, criaturas muito patriotas e tementes a Deus.

No meio desta cena porca aparece, porém, alguém — quem tem um gesto digno: o pessoal da Regie, que por unanimidade deliberou não aceitar qualquer aumento desde que este não fosse extensivo a todo o pessoal.

Voltemos ao assunto se, como esperamos, se digar tratar desta questão, que reputamos de toda a justiça, visto tratar-se de operários que estão no serviço de uma indústria rica, são actualmente os mais pobres de todos os operários, e a tal ponto que se o governo não lhes acudir terão de pedir esmola.

Os delegados dos manipuladores de tabacos de Lisboa e Porto

## OS T. M. E. EM FOCO

## Fábricas encerradas Operários inactivos

Fecharam ontem, efectivamente, algumas das fábricas cujos proprietários, em recente reunião realizada na secção metalúrgica da Associação Industrial, haviam tomado, conforme ontem dissemos, semelhante deliberação em consequência dos egregios administradores dos Transportes Marítimos do Estado não terem liquidado as dividas que contraíram para com os mesmos estabelecimentos, por virtude de consertos realizados em vários dos navios que constituem, depois da guerra, a frota do Estado.

Esta frota, como é do conhecimento público, pode dizer-se que apenas tem servido a anichar vários cavalheiros na respectiva comissão gerente — e que gerencial — e também a despertar, entre muito fiel patriota, vorazes appetites, parecendo que aos escândalos a que o malfadado problema dos navios tem dado lugar outros escândalos em breve haverá a ajuntar.

Pois como se não bastasse o que de estranho se tem presenciado a propósito do navio do Estado há a acrescentar neste momento a paralisação de muitos braços em consequência da resolução que os referidos industriais entenderam — dever tomar, no intuito de conseguir que lhes sejam satisfeitas as contas em dívida, como se esses operários tivessem qualquer responsabilidade em tais factos.

Conforme ontem dissemos, fazendo-nos eco duma informação que pessoas de confiança nos prestaram, o conselho de ministros, numa das suas reuniões, deliberou que fossem facultados meios aos T. M. E. para serem liquidadas as supramencionadas contas; mas ao que parece alguns directores gerais tem-se empenhado em que esse pagamento não effectue no intuito de promoverem que os barcos, mercê dum jogo singular, passem a ser explorados por quem que muito... desinteressadamente os ambiciona. Entretanto, é possível que tal jogo seja contrariado, por uma mais recente resolução do governo que, segundo o nosso informador da Arcad, está disposto a mandar entregar, amanhã ou depois, aos T. M. E., 1900 contos por conta da dívida do tesouro, a fim de serem pagas as dividas aos fornecedores.

Mais nos informam que a casa Parry & Sons, a despeito de ter entrado no comércio dos industriais metalúrgicos a que acima fizemos referência, não encerrará a sua fábrica, nem a encerrará — com o que aliás terão que folgar os respectivos operários — em virtude da dívida ser apenas de 95 contos e ter dois veios em ser poder, dos T. M. E., cujo valor é superior, os quais lhe servem de penhor.

Para apreciar a situação dos operários metalúrgicos desempregados por virtude do encerramento das fábricas, realiza-se efectivamente hoje, às 14 horas, na sede do Sindicato União Metalúrgica, e por este promovida, uma reunião daqueles operários em que se tratará de obviar à sua situação.

## A DEZ TOSTÕES

## O consumo obrigatório do pão fino

NAS CASAS DE COMIDA

O consumo do pão fino, que era já obrigatório nos hotéis, restaurantes e cafés, tornou-se agora também obrigatório nas casas modestíssimas de vinhos e comidas, nas casas do bacalhau e do carapau frito, exclusivamente frequentadas pela pobreza. Para se chegar a este resultado, que aliás aqui previmos, se pôs termo ao regime do pão único.

O sr. Granjo não encontrou melhor remédio para obviar à escassez do pão de segunda, do que este, de obrigar os pobres a gastar, com o pão de primeira, a dez tostões o quilo, quasi tudo o que conseguem ganhar. Não se pode imaginar um absurdo maior, um maior desconhecimento, uma mais descabelada pouca vergonha.

Que idea fará o sr. Granjo do que sejam os frequentadores habituais das casas de comida, essas que aí se abrem nas travessas, mal iluminadas por um pobre candieiro de petróleo, de toco mobiliário e curta lista? O sr. Granjo imaginá-los há talvez uns milhões de anos, pouco menos, para assim os forçar ao luxo do pão fino. Seria preciso provar-se que vivem os frequentadores das casas de comidas mais desalofadamente que os outros, ganhando salários superiores, para admitir a medida agora adoptada. Pois o contrário é que quasi sempre se verifica.

Se realmente o pão de segunda não chega para todos, não é flagante andar um número avultado de consumidores que a questão se resolve. Preferível seria, depois de extraída uma certa quantidade de farinha fina para o pão destinado aos restaurantes luxuosos, aos hotéis opulentos e às casas fartas dos novos ricos, misturar todo o restante, ficando assim os consumidores num pé de absoluta igualdade.

## PARA AS PRISÕES DE LISBOA

Chegaram ontem de Faro, onde há dias se encontravam presos, os camaradas Manuel Martins Rosa Júnior, Manuel António Fernandes, Salvador da Silva Reis e António Modesto, grevistas ferroviários do Sul e Sueste, que vieram transferidos para as cadeias da capital.

O combóio que conduziu estes camaradas gastou no percurso de Faro a Beja, 20 horas, e de Beja a Lisboa, 13. As carruagens vinham às escuras, as portinholas com os vidros partidos e a respeito de acoio, os compartimentos são verdadeiras pocilgas.

Uma beleza de... normalização!

## Exposição de crisântemos

Tem sido bastante visitada a exposição de crisântemos inaugurada na quinta feira última no Jardim da Estrela, constituída por exemplares criados nos viveiros e jardins municipais.

A exposição, que continua patente ao público, dev' encerrar-se no próximo dia 10.

## A guerra social

XV

## A situação político-social na Rússia bolhevista

Sob o ponto de vista político, depreende-se dos testemunhos britânicos e italianos, e sobretudo dos primeiros, que a Rússia bolhevista vive sob o regime da mais completa autocracia. Não existe nenhuma liberdade: nem de palavra, nem de imprensa, nem individual. Como o escreveu o dr. Haden Guest, ao regressar da Rússia, «a atmosfera moral da Rússia é a do Terror. Toda a gente tem medo de falar. Por toda a parte domina um sistema de espionagem universal».

O Estado é, foi sempre e tende sempre a ser um órgão de compressão do indivíduo e dos grupos formados livremente. E isto é o fruto da sua própria essência, porque aqueles que o dirigem tendem a servir-se da força estatal para defender a sua situação e a sua classe. O que se passa na Rússia esclarece por uma forma estranha estas verdades sociológicas. Os bolhevistas após se terem tornado *senhores* do Estado, foram por este *empolgados*.

E para manterem o Estado, foram levados a uma desmedida centralização, a uma autocracia tam grande como a do czarismo. E necessariamente foram forçados a usar da violência e do terror para realizarem esta centralização, esta autocracia. A compressão estatal exerce-se não sómente para com as classes nobres e burguesas, mas ainda para com a classe operária, pseudos detentores do poder. E repare-se como as condições de trabalho para os homens e para as mulheres são análogas às que existem na profissão militar.

Não sómente os adultos são obrigados a trabalhar, o que não está em conformidade com as condições da natureza, mas ainda a cada um é autoritariamente atribuído um determinado trabalho, num lugar determinado. Cada trabalhador, isto é, todos os humanos, são por esta forma transformados «peões», que obedecem mecânicamente a uma autoridade central, que se transmite por uma série hierárquica de chefes e sub-chefes. Em suma, o país tende a ser transformado numa imensa caserna, cheia dum população militarizada, sofrendo castigos como os militares, como os «forçados», como os «condenados a prisão». Actualmente, a diminuição da ração alimentar é empregada como castigo e o seu aumento como recompensa para os trabalhadores. E' curioso constatar que neste sistema os bolhevistas limitaram-se a imitar o que existe nos regimes militares e penitenciários do Ocidente (Gran-Bretanha, França e Itália). Este sistema existia também naturalmente na Rússia czarista, porque é geral. E por isso, na sua applicação, tornada comum a toda uma nação, devemos talvez ver uma reminiscência do regime que os chefes bolhevistas sofreram nas prisões czaristas.

A autocracia burocrática, que os bolhevistas entronizaram e estenderam para imporem a sua forma de sociedade, tendem muito naturalmente a simplificar o seu trabalho, e teve portanto que centralizar a autoridade, o que arrasta, como consequência, esta a empregar todos os seus esforços no aniquilamento e na destruição de todos os organismos sociais, nascidos espontaneamente e livremente instituídos.

Disto resulta que os soviets ou «conselhos» locais tendem a desaparecer, sobretudo nas cidades. Nos campos, as dificuldades de comunicações, o afastamento das aldeias dos centros urbanos fazem com que se sinta pouco a autoridade central. Pode-se dizer que esta autoridade central actua na razão inversa da distância do ponto em que se exerce. Por isso os soviets se mantêm entre os camponeses. Isto constitui um fenómeno sociológico de grande importância, porque, graças à duração da autocracia bolhevista, os aldeões tomam o hábito de se governarem a si próprios. E sob a égide duma extrema autoridade, estabelecem-se costumes anti-autoritários! O facto é digno de nota, porque mostra que os homens que recorrem à autoridade para realizarem o seu ideal e a sua vontade, conseguem geralmente resultados opostos aos fins que visavam, e isto mostra também a inaniidade da obra que está em opposição com as naturais tendências humanas.

Na realidade, dizem os inquiridores britânicos, as leis na Rússia são feitas por *Nigres* homens da burocracia, que se esforça por pô-las em execução, mas a execução está longe de ser perfeita, por estas leis serem estranhas à ideologia das massas, e ser, portanto, necessário usar da coacção para as fazer aplicar. A concentração do poder, o exercício do poder por alguns indivíduos, eis a situação política real do bolhevismo russo. A realidade está, pois, muito afastada da idealização das massas operárias e camponesas, que os socialistas ocidentais imaginavam existir.

## O Estado, a Liberdade e a Igualdade na Rússia

De facto, existe uma ditadura, não de uma classe, mas de alguns homens que actuam em nome da classe operária e, segundo a opinião dos mesmos, em seu interesse. Estes poucos homens — seis — formam o comité de defesa e de trabalho. Apolam-se na policia e no exercito e também no sentimento patriótico provocado e desenvolvido pela guerra que fazem os aliados ocidentais e pela inferioridade, fraqueza e isolamento de todos os camponeses.

E para notar que o sistema politico usado pelos bolhevistas é, na sua essência, idêntico ao sistema politico de que fazem uso os dirigentes capitalistas de todo o mundo. Em última análise, por toda a parte, o poder do Estado exerce-se ditatorialmente por intermédio duma oligarquia de alguns homens que falam em nome da nação, trabalhando, afirmam, em seu proveito, impondo-lhes as massas, em parte pela força da policia e do exercito, em parte pelo poder ideológico das palavras e do hábito. Os bolhevistas imitaram e não modificaram o processo de governar. O que distingue o seu governo dos governos algarquistas capitalistas é uma menor hipocrisia. Declaram francamente querer governar em benefício duma classe, a classe pobre, enquanto que os outros pretendem governar em benefício de toda a nação, quando na realidade, governam em benefício duma classe, a classe rica, muito menos numerosa que a classe pobre.

Este governo de classe mantém a desigualdade de classes existente em toda a nação. Simplesmente se inverte a base desta desigualdade. Os operários, os camponeses, gozam duma melhor situação que os outros indivíduos. Entretanto há quem faça fortuna, e uma nova burguesia se criou. Como o fazem outros delegados do Labour Party, as vantagens materiais que usufrue esta nova burguesia são extremamente pequenas, comparadas com as vantagens materiais que usufrue a burguesia ocidental. A desigualdade das fortunas que existe no Estado já não existe na Rússia bolhevista.

Se a igualdade — fim a que visam os socialistas de todo o mundo — não foi estabelecida, as liberdades, pequenas mas reais, existentes no mundo capitalista também foram suprimidas. Os operários tem menos liberdade na Rússia bolhevista do que na Gran-Bretanha capitalista. Os sindicatos e as corporações foram transformados em ter fundido nestes órgãos. Não. O contrário é que sucedeu. O Estado absorveu-os e a burocracia em seguida desnatou-os.

Todos os órgãos de produção e de distribuição foram estatizados! Com o sistema ditatorial bolhevista, toda a vida russa tende a partir do centro para irradiar para a periferia. A impulsão da vida russa emana dum centro único, como consequência, a vida é muito menos activa, muito menos forte que seria a impulsão da vida emana de centros múltiplos, unidos entre si e irradiando para uma limitada periferia.

Lénine crê que ditadura e centralização são elementos de força que permitam a criação e o desenvolvimento do comunismo. Engana-se. Os acontecimentos da história humana mostram que ditadura e centralização são elementos de fraqueza. Nunca os seus resultados são os que pretendiam obter aqueles que da ditadura e da centralização tem feito uso.

## A Educação e a Arte na Rússia bolhevista

Os bolhevistas, em virtude dos seus próprios processos ditatoriais e centralizadores, não conseguiram transformar a Rússia numa nação comunista. Toda a obra acabaria num lamentavel fracasso se não tivessem no seu activo a obra educativa e de ensino. Parece, segundo os relatórios dos delegados soviéticos, que a sua obra de educação é verdadeiramente bela, em verdade, bela.

Para todas as crianças existem hoje na Rússia possibilidades de educação e de ensino. Os bolhevistas adoptaram conscientemente este *princípio* tam antigo e tam desconhecido no Ocidente capitalista: A vida das gerações em educação é mais importante para a humanidade que a dos adultos, e por minha vez acrescentarei, e com mais razão, que a dos velhos — por consequência, de tudo, as necessidades da criança devem ter a primazia.

Em virtude deste principio, todos os esforços do governo bolhevista tendem a desenvolver a instrução e a educação físico-moral da criança. E parece o sucesso coroa a sua obra na medida maxima das suas possibilidades. A opinião britânica constata que não encontrou uma única criança miseravelmente a sua permanência na Rússia. As crianças são tratadas por uma forma humana. Tudo se faz para que o maior numero se desenvolva harmoniosamente. Os processos educativos empregados parecem ser em geral os chamados «Escolas Novas», tais como os que os pedagogos alemães, ingleses, franceses, italianos, suecos e escandinavos, elaboraram no decurso destes últimos vinte e cinco annos. Estas «Escolas Novas» são ainda muito raras e dispendiosas no Ocidente, os filhos dos burgueses se podem frequentar. Mas não tiram aliás, nenhum benefício porque a rotina dos governos, dos pais e dos professores, se opõe a estes processos educativos que o espirito renovador e aberto de Lénine, de Madame Lénine e outros adotaram imediatamente para a educação de todas as crianças. Naturalmente os ignorantes e os atrasados pedagogos do Ocidente estão-se rindo para as «experiências educativas russas»! E' sorte de todas as novas tentativas.

Mas o progresso humano só se faz por renovadas tentativas que incansavelmente se sucedem, e, por isso, se o governo bolhevista durar não já uma ge-

## O de Mónaco

O príncipe de Mónaco, que actualmente se encontra em Lisboa, visitou ontem os nossos melhores barcos de guerra, achando, no dizer das gazetas, que tudo estava muito bem construído e combinado. Sua Alteza viu o aviso *Cinco de Outubro*, às onze horas; visitou depois a canhoneira *Açor*, às treze; foi seguidamente a Vale de Zêbro; e debitou, a respeito de todas as coisas vistas, apreciações extremamente lisonjeiras. O príncipe almoçara de manhã, no *Cinco de Outubro*, e parece não ter corrido mal a refeição. Pão fino e boa pinga, peixe do melhor, carne da mais fresca... Sua Alteza animou-se um bocadinho... E abriu-se depois com os circunstantes. Falou do mar, o mar imenso que sempre o seduziu. «O mar é um enigma», disse Sua Alteza — «é um segredo que de há muito procuro desvendar. O segredo do mar, o segredo da roleta... O mar é mudo, inconstante, caprichoso como as bolinhas de marfim que giram nos salões de Monte-Carlo. Ah! mas entre o mar e a roleta existe tanta conformidade... Uma diferença apenas: os segredos do mar escondem-se uma toalha azul; os mistérios da roleta descobrem-se sobre um pano verde... O incógnito da vida, os problemas políticos, os amordaçamentos do povo — tudo se consegue tudo se resolve por meio da oceanografia, que é uma divida, e por meio da roleta, que é uma certeza... para os banqueiros...». Ao príncipe de Mónaco responderam os que para sua comitiva haviam sido escolhidos. E assim terminou o almoço — não sem que Sua Alteza, pela força do hábito, houvesse perguntado por um balcão — desafiando p'ro monte os circunstantes.

## Huma pendencia

Na *Monarchia*, dyário integralista que se publica nesta cidade de Lisboa, phez ynseryer o senhor Manoel Rephoyos de Menezes (integralista também pela ley e pola grey), certas referencias desprymorosas a minha senhora, Marya, do nome do seu baptismo. A qual senhora he myltyr na cathegorya de aileres. Julgandose offendida a dyta senhora, para salvaguardar a sua onra y o seu bryo, mandou ao offensor as suas testemunhas exygyndo claras explycaçoens ou huma reparação pelas armas. Ao qual pedydo respondeu o dyto señor Rephoyos desta seguynte maneeyra que abayxo se vee:

«Em vysta do que me acabam de expoor, venho aphyrrmar a senhora Dona Marya que me encontro absolutamente como tendo sydo «ganado» nas ymphormaçeoens que me phorneceram. Não houve no meu proceder a mynyma ma fee, porque nem podya haver, vysto como eu nem sequer conhecy a senhora Dona Marya.»

— Cujas estas cytadas satisfacçoens satisfyspharam a senhora Dona Marya, não se tendo efectuado o encomprompo polo dyto motyvo. Encompromto alias contraryo aos bons costumes, poys dos encompromtos entre homem y mulher nasce o peccado, y do peccado nascem cryaturas aspradas por Beelzebuth, as cuyas cryaturas, pryvadas da graça de Deus, e muyto mal provydas de syzo, não servem senão para yntegralystsas. Para melhor estabelecer a paz no mundo, aconselha-se aqy o señor Rephoyos a aprender gramatycia, e a senhora Marya a aprender a pregar botoens, emhora com preyyzo do seu posto myltyr.

## Um casamento

Mister Samuel Bater marchava um dia pelas ruas de Filadélfia, no seu passo apressado, o passo habitual dos americanos; eis senão quando vem pôr-se, debaixo duma das suas enormes botas de duas solas, obtusas e reforçadas, o péinho elegante e frêle de miss Louise Wolf. A propósito do caso, o sr. Bater declarou, após uma palavra única em ar de escusa, amar muito a menina Luisa — mas que não podia demorar-se mais, porque tinha de ir receber uma conta.

A menina Wolf respondeu que o casamento era, no seu parecer de boa e pratica americana, a conclusão lógica das pisaladas entre pessoas de sexo diferente, tema que ela desenvolveria extensamente se não fora a circunstancia de ter que ir comprar uma caixa de pó de arroz. Vai daí...

Vai daí casaram no dia 31 de Outu-

ração, mas simplesmente uma dezena de anos, criará provavelmente pela escola uma geração de homens e mulheres disfrutando uma ideologia e uma mentalidade completamente diferente da dos adultos de hoje. A maior dificuldade que encontram os bolhevistas na sua tam bela obra educativa é a falta de professores aptos para o ensino segundo os principios da Escola Nova, os quais assentam sobre a liberdade da criança, a ausência de coacção, uma harmonica combinação do trabalho manual e intelectual, uma minimização do ensino livreiro, o ensino das coisas da natureza e da vida, de molde a desenvolver o espirito de observação, de comparação e de deducção. E será esta geração nova assim creada que poderá realizar a revolução comunista sonhada e tentada actualmente por Lénine e pelos seus colegas, sem possibilidade efectiva de realização presente.

Uma coisa que impressionou os investigadores britânicos foi a extensão dada pelos bolhevistas ao desenvolvimento da Arte, sob todas as suas formas. Esforçam-se por divulgar a pondo-a ao alcance de todo o proletariado urbano e rural. Isto surpreendeu os delegados trabalhistas. E parece que não abarcaram todo o alcance social deste «expendido desenvolvimento» da arte teatral, musical, pictural, etc. Os bolhevistas, pondo a arte ao alcance de todos, pretenderam desenvolver, não sómente o gosto pela arte nas massas, mas ainda fazerem nascer necessidades de prazer e de repouso. Criar necessidades é modificar a mentalidade humana. Quando uma necessidade aparece, o homem deseja satisfazê-la e trabalha com esse fim. Quanto mais necessidades sentir a massa humana, maiores serão os seus esforços para as satisfazer e menos ela consentirá em ser explorada em benefício duma minoria, e mais accentuada será a sua tendência para a igualdade. Não se pode pôr em dúvida que é este o fim que conscientemente visam os chefes bolhevistas. A arte é para eles um meio, e um meio poderoso da transformação das mentalidades humanas.

Arguente H. Brown.



